Menotti del Picchia
Moyses

Menotti Del Picchia
MOYSÉS
POEMA BIBLICO

26

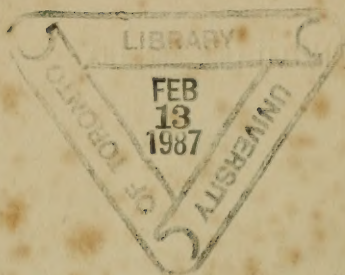
MENOTTI DEL PICCHIA

MOYSÉS

POEMA BIBLICO

"Eu vos conduzirei fóra da afflicção do Egypto, no paiz dos Channneus, num paiz extravasante de leite e de mel."

Moysés—Exodo—L. II C. III V. XVII.

Typ. Revista dos Tribunaes
Carmo 55—Rio de Janeiro
1917

DO MESMO AUTOR:

Poemas do Vicio e da Virtude (*com prefacio de Souza Bandeira, da Academia Brasileira*). 1913 — exgottados.

Moysés — *Poema biblico* — 1917.

Lais — (*romance*) — no prêlo.

O Paradoxo (*romance*) — em preparação.

O Incubo — (*drama em 1 acto*).

Antonio Siqueira
Paulicéa 3-7-26.

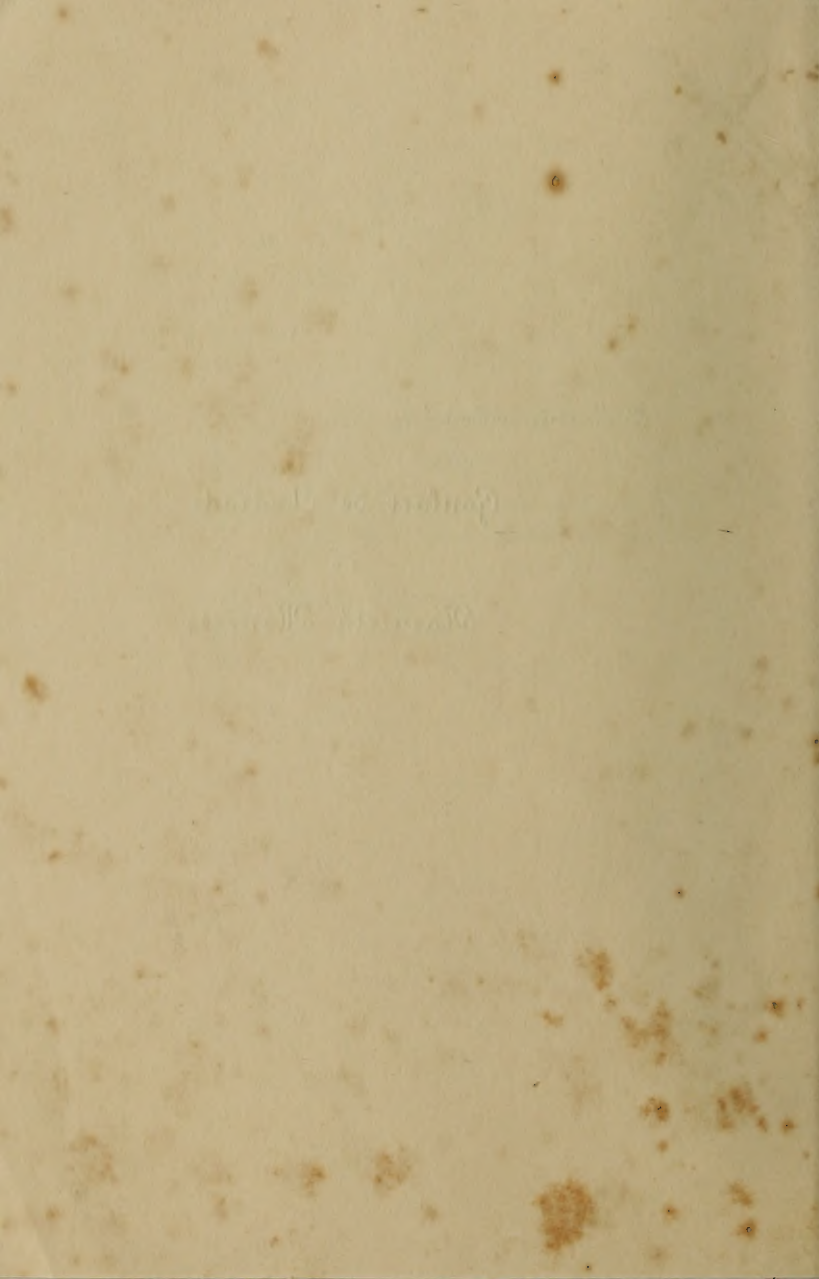
A' mocidade immortal de

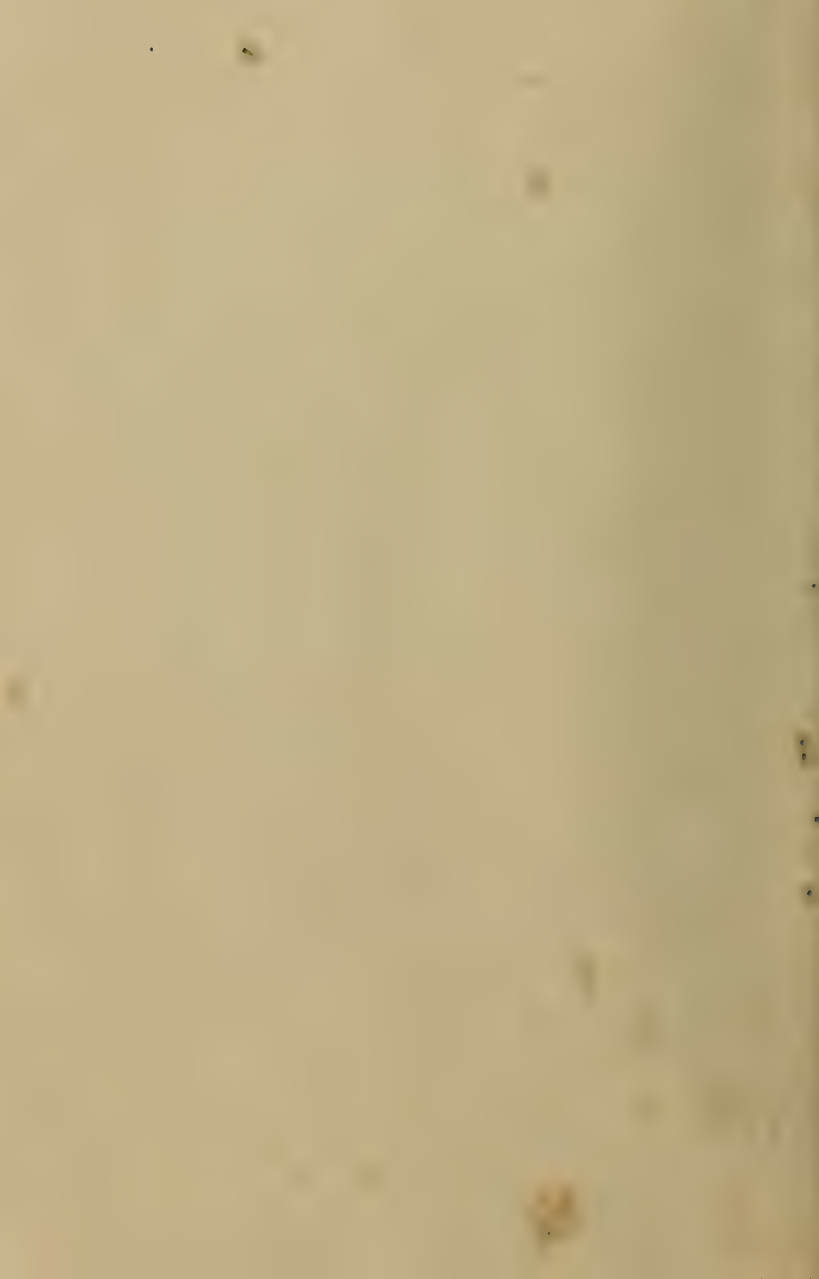
Goulart de Andrade

e a

Nazareth Menezes

ERRATA

Pg.	Linha	Lê-se:	Ler-se-á
16	27	*mineretes*	*minaretes*
21	13	Nesta luta, *onde dor me vem dor*—	Nesta luta, *onde a dor vem ferir-n*
26	5	Onde *a* concava	Onde, *á* concava
27	1	*Pelverıza*	*Pulveriza.*
35	21	anceie cresça e se	anceie *e* cresça e se

Ao Dr. Raul Octavio da Fonseca

que, commigo, no ermo,
sonhou Chanaan.

ILLUSTRAÇÕES DO AUTOR

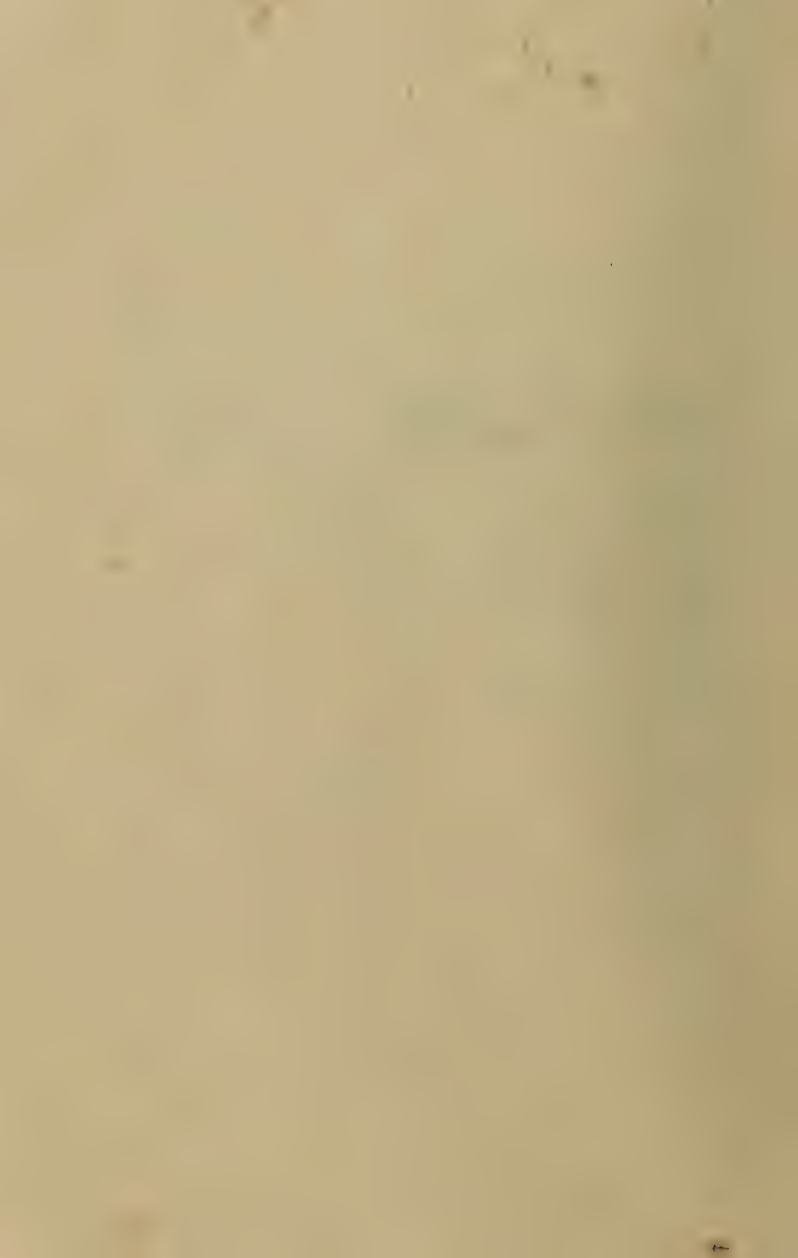
Na sede do infinito, ó alma em vão te abrasas:
prende-te ao solo o corpo; o corpo não tem azas...
não tem, não póde ter. Mas todos por instincto
já sentiram por certo o mesmo que em mim sinto:
cubiças de transpôr, anceios de subir.

(Goethe-Fausto, quadro III—scena II,
trad. de Castilho).

GENTE DA LENDA :

Moysés.
Amoç.
O Filho.
Akhar.
Myriam.
Um phenicio.
Um israelita.
Uma vóz.
Asclepiades.
A turba

E'ra mosaica. Nos desertos de Sur, de Sin, junto á Horeb, no Sinai, no deserto de Pharan, no de Zin, junto ao sepulcro de Aarão, nas terras dos Moabitas, dos Amonitas, dos Amorrheus até Jerichó.

ETERNO EXODO

NO DESERTO DE RIFIDIM

AMOÇ

Muito longe será esse paiz incerto?
Que vês, filho, no fim do horizonte?

FILHO

O deserto...

AMOÇ

O deserto? Não vês a palmeira a agitar
Triumphante, pelo ar,
A fronde, a erguer-se ao ceu como um repuxo verde?
Não vês a agua manar das furnas das montanhas,
Como sangue a fluir de feridas estranhas,
Lá, onde a terra avança e se alonga e se perde?
Palmeiras a abanar, como pendões de guerra,
Ramas, hirtas, aos ceus, como brados da terra
Blasphema e impenitente?
Que avistas no horizonte?

FILHO

O deserto somente.
O deserto que escalda, o deserto que ondeia,
A suffocar o chão com seu manto de areia,
A desolar o ceu com silencio e vazio...
E' de brasa e parece alguem que está com frio,
Immerso na inacção do seu grande segredo.
Mas, ás vezes, vencendo o mysterio do medo,
Se encrespa, convulsiona, agitado num magico
Remoinho, a parecer um mar hirto, um mar tragico,
Um mar que, não achando o que insulte ou rebelle,

Aggride o ceu azul, confundindo-se nelle...
Depois, fica o silencio, a angustia do socego...

AMOÇ

Meu filho, és muito cégo...
Vê: é preciso ver, mesmo no nada, alguma
Visão, seja o que fôr, alguma coisa em summa,
Coisa que nos prometta um bem que venha perto,
Um bem que possa encher mesmo o proprio deserto,
Que se approxime e, quando perto, ao longe avance...
Um bem que se deseje, embora não se alcance.
E' preciso illudir a nossa alma illudida,
Porque a illusão, emfim, é a synthese da vida...
Que avistas no horizonte? Aguça o olhar esperto.

FILHO

O deserto...

AMOÇ

E depois do deserto?

FILHO

O deserto.

AKHAR

Volta, velho, t'o rogo.
Este sól te requeima e o pó das dunas medra.
Tens sede? Este deserto é uma caudal de fogo.
Tens fome? Deste chão brotam fructos de pedra.

FILHO

Escuta-o, Pae...

AMOÇ

Prosegue a marcha, avança, avança...
Não é longe de nós a Terra Promettida.
Não é louco quem corre atraz de uma esperança,
Porque a esperança é o fim da nossa propria vida.
Olha ao longe... Não vês um nevoeiro quasi
Verde de palmeiraes, as delicias do oasis,
Aguas fluindo á sombra e mineretes perto?
Filho, que vês ao longe?

FILHO

O deserto deserto.

AKHAR

E elle ha de te esvaziar os sonhos, e teus braços
Em vão se agitarão no vacuo dos espaços,
Em vão se agitarão numa supplica louca.
Estrangula teu sonho ao nascer em teu peito,
Que teu sonho cahirá, exhausto e insatisfeito,
Na ultima onda de ar que te sahir da bocca...
Tu carpirás então teus anceios extinctos,
Amaldiçoarás a dor que te ensanguenta.
A terra que deixaste é mãe, cujas entranhas
São fecundas e têm por seios as montanhas,
Onde a agua é como leite que amammenta
Os rebanhos famintos.
Volta para as montanhas...

AMOÇ

Que importa o que deixei si é o que possuí?
Viver é desejar sensações renovadas,
Sejam agudas como as pontas das espadas,
Sejam macias como a pennugem dos ninhos...
Negou-me a paz do somno a sombra dos caminhos,
Ensanguentei meus pés nos seixos das estradas,
Porém minh'alma próva
A ancia de possuir uma illusão mais nova,
Amargue como o fél; córte como os espinhos.
Aspirar... Desejar... Ter com que encher o peito,
Sonhar, insatisfeito, um sonho satisfeito,
Eis o mal que desejo, eis o bem que me assombra.
Filho, fura com o olhar as distancias e a sombra.
Dize, que vês ao longe onde a terra se arqueia?

FILHO

Areia a um lado, areia do outro...

AMOÇ

E ao fundo?

FILHO

Areia...

MYRIAM

(Entra seguida pela multidão fanatizada pelo sonho de Chanaan)

Agonizo a esperar numa dor que não finda,
Morro desesperada e ainda espero, ainda.
Alguma coisa acena e me chama e a persigo;
Esse bem está longe ou o levo commigo?
Esse bem que agarrar busco em vão sem podel-o,
Quem sabe existe em mim e o arrasto sem sabel-o,
Crendo-o, ora nos ceus, ora, mendaz e incerto,
No extremo do deserto?

AKHAR

Volta ao teu lar, creança...
E's linda... O teu olhar é como um sol que escalda,
Liquido como o mar, vivo como a esmeralda,
Verde como a esperança.
Teus cabellos, num insolito alvoroço,
Chovem aos hombros nús, como uma chuva
De treva; a pelle branca, assim como uma luva
Calça-te o corpo moço,
Corpo que faz sonhar estranhos devaneios,
Que é como um vegetal, onde, amadurecidos,
Pendem appetecidos,
Os fructos sazonados dos teus seios...
Tua bocca é tal qual uma ferida aberta,
Sangrando de vermelha.
Teu rosto semelha
Uma rosa entreaberta,
Onde brinca teu beijo assim como uma abelha.
Volta ao teu lar, creança,
Offerece ao amor beijos da tua bocca,
Deixa de perseguir, numa louca esperança,
Essa esperança louca.

MYRIAM

Agonizo a esperar numa dor que não finda.
Morro desesperada e ainda, ainda!

AKHAR

Torna ao teu lar; apenas
Raie o primeiro beijo da alvorada,
Irás mais rubra que a vermelha aurora,
Os teus sonhos sonhar pelas manhãs serenas.
Esquecendo, á lareira, em noites de geada,
A neve que cahe fóra.
Aqui, encontrarás o horizonte infinito
Desconhecido e incerto,
E este deserto
Esteril como um ventre infecundo e maldito!
Lá, a vegetação verde que se levanta
Rebellada do chão, aggredindo o distante
Ceu, desdobrando no ar, onde a vista se perde,
Tremula e farfalhante,
Suas ramagens, como uma bandeira verde,
Os seus galhos pelo ar como pontas de lanças.
Lá, onde no chão morde, esbraveja, onde estronda.
Arrecuando e investindo, estalando e mugindo
O rio, té se perder uma faixa indistincta,
Ora arrulando como agoniza uma pomba,
Ora rugindo como uma leôa faminta,
Ora gemendo como uma corça ferida,
Lá, tu procurarás, num recanto risonho.
A delicia da vida
E o sonho do teu sonho...

MYRIAM

Quero correr atrás deste bem que me foge.
Posso alcançal-o? Sim, mas que não seja hoje.
Que eu deseje apertal-o em minhas mãos e ruja,
E espere, e desespere, e espere novamente.
E, louca de esperar desesperadamente,

Quando o tenha nas mãos, das proprias mãos me fuja.
Oh! Deixai-me a illusão de acredital-o perto.

AMOÇ

Que vês ao longe, filho?

FILHO

Vejo sempre o deserto,

AKHAR

(Num ululo)

Ide! loucos, atrás desse bem fugidio
Como a caudal do rio
Que ferve, estoura, estronda, espuma e se desfolha..
Escabuja e escorrega,
A correr e a sonhar, atrás de alguma folha,
Que elle mesmo persegue e elle mesmo carrega.

Entram os Asclepiades de longas clamydes fluctuantes. A turba sulca-se em alas. Apparece Moysés)

ASCLEPIADE

Moysés! Moysés! Moysés!

TURBA

Hosanna! Hosanna! Hosanna!
Hosanna! Salvador da pobre casta humana.
Salvador de Israél, cuja vóz nos convida
A' conquista da Terra Promettida!

AMOÇ

Olhai-nos, ó Senhor, temos o corpo exangue,..
Rasgámos nossos pés nas pontas dos abrolhos.
Nossas chagas são olhos
Chorando sangue.

Deixámos nosso ceu, nosso campo risonho,
Para correr atrás, numa ancia louca e vã,
Do grande sonho
De Chanaan.

E arrastámo-nos té onde a areia se some.
Nem a ardente soalheira a marcha nos impede.
Retorcidos de fome,
Abrasados de sede...

Em noites de luar, sob as estrellas pasmas,
Ululantes e nús, nos cançaços extremos,
Nós outros parecemos
Um bando de phantasmas.

E quando, ó sonho vão de um bem que se não sabe,
No deserto, em perscruta, erguemos a cabeça,
Pensando que elle acabe,
De novo elle se espraia, alarga e recomeça...

Nesta luta, onde a dor me vem dor, onde canço,
Nesta illusão que sangra assim como a ferida,
Onde acharei a paz, a ventura, o descanço?

MOYSÉS

Na Terra Promettida!

MYRIAM

Meu coração, Senhor, é qual uma andorinha
Cançada de voar e de soffrer sosinha.
Procura da paixão a estranha chamma e teme-a;
Onde encontrar, no mundo, a outra andorinha gemea?
Onde saciar, de vez, esta sêde insoffrida?

MOYSÉS

Na Terra Promettida.

TURBA

Senhor! Onde encontrar a ventura da vida?

MOYSÉS

Na Terra Promettida.

De subito, o horizonte se rasga na apparição bemaventurada de uma paisagem divina. Moysés estende para ella os braços e clama transfigurado:

O' filhos de Israél, eis o fim da viagem...
A' conquista de Chanaan, quem não me seguirá?

AKHAR *(Num grito)*

E' miragem, Moysés! Tu mostras a miragem!

A TURBA *(Ajoelhando-se)*

Leva-nos para lá! Leva-nos para lá!

A HOREB

JUNTO AO ROCHEDO DE HOREB

FILHO

Pae, tenho sede... O chão torra, o sol queima,
A pelle se resecca.
Para que esta teima
De perseguir um bem que tanto nos engana?
Voltemos... Para trás, das rochas a agua sangra
E mina como o sangue da ferida,
Róla na cataracta, estoura em redemoinhos,
Espraia-se num mar, aperta-se numa angra,
Fertilizando o campo e alimentando a vida.
Duma frincha reflúe, da saxea bossa exsua,
Entre escarpas se pincha em jacto, escorre, mana,
Desliza fria, canta á luz clara da lua...

Agua! Seiva do chão que nutre e vive em lotus
Brancos, que olham os ceus como sonhos ignotos
De virgens; vóz do chão que murmura e que soffre,
Ora em veios azues como coleantes braços
Que vão cingir a terra esquiva e moça e verde...
Ora enorme como um cofre,
Cujo fundo se perde
Onde dormem as algas e os sargaços,

Onde a saphira sonha um sonho azul, em cujos
Dominios, rota a nau, nos velames e mastros,
Passam monstros furando as carnes dos marujos,
Num drama hediondo, emquanto, á tona, uma onda liza,
Aos cochichos da brisa,
Canta cousas de amor á luz clara dos astros.

Na paz da noite, á luz do luar, que desvarios
N'agua... Mysterio azul das angras, onde os remos
Frizam de espuma a esteira inquieta dos navios...
Navios que sonham plagas que não vemos.

Onde, a concava barca, o casco treme,
Desliza ; onde a trireme ancha, o recurvo bojo
Arfante, arrasta e o mastro apruma, num arrojo
De conquista, entranhando a lamina do leme
Na carne arrepiada e azul do vasto mar.

AMOÇ

Este deserto é fogo,.. Este sol de abrasar...

FILHO

Agua ! Sangue que nutre o trigo, a parra, o joio.
Sangue que se faz flor dos caminhos nas beiras,
Vóz que fala de amor pela bocca do arroio,
Que enche de versos o ar nas volutas da bruma,
Que ameça pela bocca das cachoeiras,
Cuspindo, tôrva, aos ceus, as maldições da espuma....
Sangue vivo no rio, como em arterias,
Estuante, e pelos corregos azues,
Pelos veios, correndo como em veias
Curvas, a fecundar o corpo vivo e esquivo
Da terra , a tumultuar no leito das areias
Vivo ; no saibro, vivo ;
Putrido nas vasas deleterias,
Onde a vida se perde
Na decomposição do brejo verde,
Na lama dos paúes...

Agua ! Seiva do chão que poreja no imo
Da gleba, a endurecer-se em crystaes e por tudo
Vibrando, a pennujar as pedras com velludo
Verde do limo.
Agua ! Succo que traz a doçura do pomo,
Que a relva de manhã aljofra e a terra banha,

Pelveriza de luz a flor, enchárca o brejo.
Serpejante, a arregoar as furnas, que são como
Ulceras a roer as carnes das montanhas
Como boccas brutaes abertas num bocejo...

Pae... voltemos. Atrás, entre a sombra e o effluvio
Das malvas, o Jordão chora a bizarra magua
Das caudaes, afinal, onde tudo é diluvio
D'agua.

AMOÇ

Filho, o deserto acena e chama e me convida
A proseguir a marcha! E' meu destino... o incerto
Fascina; este amanhã me promette uma vida
Inedita. Que vês no fundo do deserto?
Acaso um palmeiral a fronde não ondeia
Como um aceno?

FILHO

Não, vejo sómente areia
E, sobre areia requeimada vejo estranhos
Ossos, alvos, ao sol, carcassas de rebanhos
Mórtos de sede; ao chão, crispando os pulsos,
Torcidos pela dor, loucos de dor, convulsos
De dor, vejo zagaes morrendo de olhos fitos,
A retorcida bocca arrepanhando um rictus
Tragico: a maldição fulminada no instante
De explodir... Vejo adiante,
A' mamma enxuta, as mães juntando o filho exangue..
Não mana a poma, embora a bocca em febre a estreite
E, não podendo as mães aos filhos dar o leite,
Rasgam os seios para dar-lhes sangue...

AKHAR

Loucos! Voltae atrás! Este deserto, lento,
Na tragica inacção do plano e do vazio,
Ha de trazer-vos todo o tedio doentio
De um anniquilamento

Inglório... A sede, ao certo, os ventres a roer-vos,
Ha de vos por na face as contracções dos nervos
Tesos na extrema dor; ha de por-vos de bruços,
Mãos crispadas no chão, olhar vesgo, em soluços
A bocca, a supplicar aos ceus vazios e a magua
Do deserto ha de encher o resto e a sede de agua
Ha de abrasar-vos como, enervante e terrivel,
A outra sede maior — a sede do impossivel...
A sede... Que é afinal esta sede nefasta —,
Esta ancia...

AMOÇ *(Obsecado)*

O esperar da doçura sem magua
Da saciedade... Um bem que do bem nos afasta...
(O goso de aguardar a frescura de uma agua,
Prazer de demorar o que a gente procura,..)

AKHAR

Ide, loucos! atrás dessa grande loucura!
Que a vossa fé manar agua viva que medra
Do monte, faça agora ao flanco dessa pedra.
A rocha é dura? A fé, por mais que se consagre
Pura, não gera a força e não faz o milagre?
O' filhos de Israel, ingenuos sois bem, crede..
Perseguistes um sonho e encontrastes a sede.

FILHO

Pae, voltemos... A sede o ventre me tortura...
Vê, tenho a lingua secca e a fronte em febre me arde.
Poupa-me o horror da marcha, o incerto da aventura.

AMOÇ

Que me importa morrer, mas retornar, covarde,
O passo dado atras de um bem que, ao longe, acena,
Nunca!

AKHAR

Loucos! Causaes-me pena.
Pedis agua? E onde está vossa constancia, a vossa

Certeza de alcançar essa terra tão rude,
Que foge, a cada passo, e que vos desillude
Cada nova illusão que a alma vos alvoroça?
Onde está vossa fé? Acaso não pode ella
Fazer a agua fluir, múrmura, limpa, bella,
Da rocha? Ides, em vez, presos na estranha rede
De um sonho a perseguir, torturados de magua,
Nos arrancos da fome e martyrios da sede,
O Impossivel ...

TURBA

Moysés! Dai-nos um pingo d'agua!

AKHAR

Morreis? E Chanaan não era uma promessa
De vida? E' Chanaan a sede? Que terra é essa
Mysteriosa, que custa a vida humana inteira
Para alcançar-se, e, quando o pé, tremulo, pisa
Seu chão, ella se esvae como a bruma ligeira
Que nos valles desliza?

Tendes sede? E encontrar uma fonte inda crêdes?
Olhai, a propria areia é um symbolo da sede:
Resèquida, ella absorve as aguas de um oceano.
Esta areia é voraz como o desejo humano,
Como vossa ambição e como a vossa magua...

TURBA

Temos sede, Moysés! Dai-nos um pingo d'agua!

AKHAR *(Num supremo sarcasmo)*

Inda teimaes? Então, á dura rocha, avessa
A' agua, pedi que mane a lympha apetecivel!

Moysés toca o Horeb com a vara divina. A agua flue em borbotões de prata

AKHAR *(Como fulminado)*

Que fizeste, Moyses? Que estranha força é essa?

MOYSÉS

E' a Fé, que, quando quer, faz o proprio Impossivel!

O CANTO DO PHENICIO

É NOITE

UM PHENICIO *(Cantando)*

Das terras de Moab, Astarté vem subindo
Como a rosa a nascer pelos valles do Hebron.
Pinga luz e parece uma mulher sahindo
Das aguas do Jordão.

Eil-a, nua, no ceu, sob a gaze cerulea.
Ai! que tristezas tem...
Parece uma princeza altiva da Bethulia,
Tem o estranho livor das filhas de Sichen.

Da minha terra o ceu, cheio de maravilhas,
Quanta belleza encerra!
Parece-me um jardim onde florescem quilhas,
O mar da minha terra.
Nem Hai, nem Jerichó, nem Joppé, nem Galgala,
Têm riquezas tão bellas...
E' todo jaspe, onix, rubi, beryllo, opala,
Tem chrysoprasios, oiro, amethistas cambiantes,
Brilhantes reluzindo como estrellas,
Estrellas a luzir como brilhantes.

O' divina Astarté recorda-me Berytho!
Porque accendes em mim o fogo dos desejos?
Ai! pudesse eu, Milyta, escalar o infinito
E cobrir-te de beijos...

UM ISRAELITA

Cantas?

PHENICIO

Contemplo a lua...

ISRAELITA

Oh! que estranho supplicio
Contemplar o luar.
Quem és tu?

PHENICIO

Quem eu sou? Um homem...

ISRAELITA

Um phenicio?

PHENICIO

Sou um homem que estava inda pouco a cantar.
Que te importa que eu seja amorrheu ou moabita,
Filho de Jerichó ou filho de Sichen?
Deixa-me ver sonhar pelo espaço Milyta
E, vendo-a assim sonhar, quero sonhar tambem.
Nada te perguntei, si vieste do Nilo,
Das terras da Bethania ou de qualquer logar.
Eu estava a cantar... Deixa-me, pois, tranquillo,
Pois eu quero cantar.

ISRAELITA

Amas a lua?

PHENICIO

Acaso importa-te meu culto?
Não sabes que ella é Deusa e que nella sepulto
Minha fé? O' Mylita, o meu altar és tu.
Eu adoro Astarté, minha esposa que clara,
Tece um raio da luz e de esperança para
Cobrir-me o corpo nú.
Não crer ou não ter fé? Eis o maior supplicio...
Todo o homem que uma crença acaso não tiver
E' como um cego junto a um grande precipicio,
Sem um bordão siquer...

A fé é como um manto a abrigar-nos do frio,
E' o balsamo de DEUS que a magua nos acalma.
E' essa alguma coisa, enchendo este vazio
Que temos dentro d'alma.

A fé é como a margem a cercar um arroio,
A promessa de um ser que não vejo e idolatro-o;
E' o ponto de apoio,
Oue não deixa nossa alma escorregar no vacuo...

A fé é como um vaso a conter, insoffrida,
Nossa alma que, buscando a causa desta vida,
Tem ancias de fugir, comprehender o infinito,
Alagar, transbordar, encher a noite escura :
A nossa fé é como um carcer de granito :
Não deixa a alma vazar neste enorme e profundo
Labyrintho sem fim, neste abysmo sem fundo,
Que se chama loucura.

Por isso, eu, a cantar, adoro Astarté fria
Pelos ceus, clara e nua,
E, querendo ter fé nalguma coisa, um dia,
Puz-me a adorar a lua...

ISRAELITA

Feliz que inda tu tens o teu consolo. Acaso
Que mal pode fazer um raio de luar ?
Illude-te ! Pôe nelle os teus sonhos e sonhe,
Porque, quem crê com fé, onde quer que a fé ponha,
No objecto em que a pôz, ha de ver um altar.
A tua Deusa é boa, é clara, é linda, é mansa...
A uma pomba do Hebron, de meiga, se assemelha,
Boa como uma ovelha,
Pura como uma creança.
Has de teus sonhos ver na luz que se retrata
A' beira dos paúes.
Os teus sonhos serão como luares de prata,
A vogar e a brilhar sobre mares azues...
Mas o Deus de Israel, vingativo e sangrento,
Corta, com raios de oiro, a humanidade vã.
Para zurzir o mundo, elle inventou o vento.
Para enganar seu povo, engendrou Chanaan !

PHENICIO *(Cantando)*

Nem Hai, nem Jerichó, nem Joppé,nem Galgala,
Têm riquezas tão bellas.
E' jaspe o mar, rubi, beryllo, opala,

Tem chrysoprasios, oiro, amethistas cambiantes,
Brilhantes reluzindo como estrellas,
Estrellas a luzir como brilhantes...

O' divina Astarté, recorda-me Berytho.
Porque accendes em mim o fogo dos desejos?
Ai! pudesse eu, Milyta, escalar o infinito
E cobrir-te de beijos...

ISRAELITA

Deixemol-o cantar... O canto lhe mitiga
A dor que a alma lhe gasta.
Será que a quem tem fé uma simples cantiga
Basta?

Esse homem é feliz. Sae da sua garganta,
Como uma agua a jorrar, a canção grave e lenta.
E que o fará feliz? a cantiga que canta
Ou a fé que o alimenta?

Um pouco de luar, um canto do deserto,
Matam-lhe a magua toda e os desesperos vãos.
A ventura está perto! A ventura está perto!
Nós buscamos um bem que temos entre as mãos!

Amoç, o eterno desejo humano, perseguido pela obsecação do seu grande sonho subjectivo, num brado allucinado, ao fundo:

AMOÇ

Queres seguir além... Queres seguir? Responde...

ISRAELITA

Onde vaes?

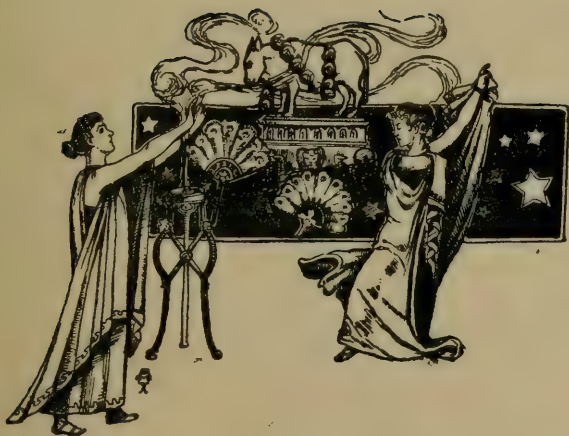
AMOÇ

Procurar a ventura da vida
Para alem... Para alem... No horizonte.

ISRAELITA

Mas onde?

AMOÇ

NA TERRA PROMETTIDA!

A IDOLATRIA

FILHO

Pae, do Nilo, que o chão fecundo, entre a libania
Sombra dos brutos penhascos,
Erguidos numa insania,
Numa petrea loucura escalando o horizonte,
Feros como carrascos,
Molha, não oiço a triste cantilena
Que me embalava outr'ora em manhãs de oiro fosco,
Espalhando pelo ar um cheiro de verbena...

Tardes em que eu dormia ao balanço da rêde,
Manhãs em que eu sonhava ao balanço do barco...
Lembras-te, Pae, que as aguas, sob um tosco
Tronco, passando como sob um arco,
Mitigavam a sede
Dos rebanhos? Depois, das montanhas, quando era
O tempo da colheita e as espigas maduras
Riam, numa resurreição de primavera,
Os pastores desciam e o canto dos pastores
Que delicioso que era?

E eu scismava: a terra uber no seu ventre
A semente fecunda e a semente vegeta,
Ergue-se em tronco bruto,
Ramifica-se em galho e folhas e, entre
Folhas, o que era flor agora fica fructo.

De onde veio esse fructo?

Eu, ás vezes, as cabras nas montanhas
Pascendo e a pascel-as
Muito longe do valle e perto das estrellas,
Via uma agua minar da terra nas entranhas.
Um fio... Logo depois, engrossava; adiante,
Numa garganta, já era um rio estuante,
A bramir e a espumar entre pontas das fragas.

E eu pensava :—quem foi que engendrou estas aguas?
Hoje, que me cresceu como a semente e como
Essa agua, a ideia extranha a innundar-me, a absorver-me,
Busco em vão decifrar esse enigma e em vão luto,
Cheio de tedio e magua.
Saberás responder-me
Quem fez aquelle fructo
E aquella agua ?

Amos, continua a scismar olhando o deserto mysterioso

FILHO

Em que scismas, Akhar?

AHAKR *(Sombrio)*

No Deus que crea o fructo
E faz a agua brotar das furnas das montanhas,
Nesse Deus sem entranhas,
Cujo olhar é um fuzil, cuja voz insubmissa
Ruge como um trovão quando se exalte ou zangue,
Que premeia a injustiça,
E se embriaga em sangue:
Deus que cria e devóra as proprias creaturas,
Que ás desventuras faz entrever as venturas,
Deus que põe no caminho os espinhos e os cardos
E nos ceus o trovão que estála e que rimbomba,
Nesse Deus que, afinal, tem arrulos de pomba
E a sanha dos leopardos.

Fez-me insubmisso e mau, poz-me nos labyrinthos
D'alma, um instincto mau, uma sanha tão má.
Que crime consumo eu, si obedeço aos instinctos
Que elle mesmo me dá ?

Quem do nada arrancar podia, entre sorrisos,
O bem, porque tirou males crueis e tantos ?
Quem podia crear a alegria dos risos
Não devia engendrar a tristeza dos prantos.

Tortura-me esta ideia e, por mais que a concentre,
Explóde e num vulcão de blasphemias me sae :
Não nascemos os dois talvez do mesmo ventre?
Nós não somos irmãos, filhos do mesmo Pae?

Por isso a alma revolta, odienta e insubmissa,
Levanta, embora em vão, este clamor aos ceus:
« Um Deus que desconhece a igualdade e a justiça
Não é Deus! Não é Deus! »

ASCLEPIADE

Louco! Que dizes?
A duvida do peito arranca e busca a calma...

AKHAR

Eu não posso... Essa planta em mim poz taes raizes,
Que arrancal-a do peito, é arrancar a minh'alma...
Nasceu rebelde e foi crescendo, estuante, immensa,
Avultou tanto em mim, que fiquei, entre assombros,
Vendo se esboroar o templo desta crença
A bradar pela fé no meio dos escombros...

ASCLEPIADE

Homem de pouca fé, Alma perversa e impura!
Ha de te perseguir, sempiterna, a tortura
Da duvida...

AKHAR

Porem a duvida que anceia
Em mim, é a nova fé que resurge e revive,
Sobre os restos daquella que já tive,
Sobre as ruinas daquella que morreu...
A duvida é o erguer de uma fé franca e nova,
Que sae da que cahiu como uma alma da cova,
Onde o corpo vencido apodreceu!

ASCLEPIADE

Não crês, pois, neste Deus de Israel que, de joelhos,
Adoro? Neste Deus omnisciente e infinito,

Que de pragas semeou a impiedade do Egypto,
E abriu, de par em par, a agua do mar Vermelho?
Deus que não mingua o bem a quem a elle recorra,
Que, quando—quer o mal incinerar, o doma
Com o fogo que assolou a devassa Gomorra
E a lasciva Sodoma.

AKHAR *(Rebelado)*

Eu não creio, eu não creio!
Como hei de crer num ser que em mim, inocuo e futil,
Poz brados de revolta e desespero inutil
Para insultal-o e, quando o azeda o amargo insulto,
Manda um raio esmagar, como um sarcasmo estulto,
A sanha que elle mesmo em mim accende e apaga?
Porque se elle m'a deu, elle mesmo m'a esmaga?
O bem que faz florir, porque elle após desfolha?

ASCLEPIADE

Entre o bem e entre o mal, deu-te elle a livre escolha...

AKHAR *(Allucinado)*

Mentes! Não vês que sou como o tigre faminto
Que obedece ao instincto e que obedeço ao instincto?

(A' turba, num desafio supremo!)

E quem o instincto poz na minh'alma cruel?

A TURBA *(Amotinada)*

Foi o Deus de Israel! Foi o Deus de Israel!

UMA VÓZ *(Na turba)*

Eu não te invejo, ó Deus, ó luz que me allumia,
Nem Lucifer, ó rei, és mais feliz que eu,
Pois tu, velho Satan, não provaste a alegria
E Deus nunca soffreu.

A tortura de ser e de viver que leva
A alma nesta illusão de gosar e penar...
Como só gosa a luz quem conheceu a treva,
E' preciso soffrer para saber gosar.

FILHO *(a Amoç que continua triste, meditando as palavras de Akhar)*

Eu pensava... pensava... O mar glauco, de bruços
Sobre a areia, a gemer uns extranhos soluços,
Olhava pela noite a lua alva e tranquilla,
Que, reflexa no mar, parecia a pupilla
Do mar, assim a lua era, brilhante e nua,
Um ôlho de luar a contemplar a lua...
Eu pensava e fitava a verde maravilha . . .
De quando em quando, a vela errante, a esbelta quilha,
A balançar e arfar sobre o mar claro e terso,
— Uma creança a brincar embalada num berço —
Iam rolando nagua, iam sumindo nella.
Primeiro ia-se a quilha e após ia-se a vela,
E tudo se azulava onde, ao longe, se perde,
No ceu sereno e azul, o mar sereno e verde . . .

E ida a vela, então, ao vento manso e amigo,
Eu me encontrava a sós novamente commigo,
E ficava sosinho, a scismar e a fitar
A amethista do ceu e a esmeralda do mar . . .

Eu pensava . . . pensava . . . E logo o mar que, louro,
Flavo da luz do sol, era todo ambar e ouro,
Quando a lua ganhava o vazio do espaço,
Tinha chispas de prata e relampejos de aço
E ternuras de pomba e desejos perversos,
Cantando o luar, fitando os ceus, fazendo versos...

AMOÇ *(Profundamente triste)*

Hoje, si acaso, ao peito meu a chamma
Da fé que um dia, por manhãs serenas,
Lhe accendera, macia como as pennas,
Uma voz interior que a accende e inflamma

Se apagasse, o desejo que reclama
Alcançar o que póda as minhas penas,
Enchendo com o candor das açucenas,
O lodaçal do peito meu que é lama ;

Em minh'alma, elevando ao plumbeo e baço
Horizonte deserto as suas penas,
Seria neste anciar sem esperança,

Como dois braços a tactear o espaço,
Buscando sonhos e apertando apenas
O desespero da desesperança . . .

Os murmurios na turba cresceram. A ancia de um novo culto, de uma religião mais humana, mais palpavel, põe brados de revolta na multidão ululante. Moysés contempla, sereno e magestoso, a turba amotinada.

TURBA

Morra o Deus de Israel que, sanhudo e violento,
Poz na mão da tormenta o chicote do vento . . .

MOYSÉS *(Com piedade)*

Loucos! Depois, sem fé, pelo mundo, erradios,
Sombras de um sonho morto a desejar o nada,
Arrastareis chorando a vida esvaziada,
Pedindo com que encher vossos peitos vazios...

UMA VOZ

Que importa! Acaso nosso peito
Não sonhará talvez um sonho mais perfeito,
Um Deus menos cruel?

TURBA

Morra o Deus de Israel! Morra o Deus de Israel!

PHENICIO *(Cantando, indifferentemente, longe)*

Não crer e não ter fé! Eis o maior supplicio . . .
Todo o homem que uma crença não tiver,
E' como o cego junto a um grande precipicio,
Sem um bordão siquer . . .

A fé é como um manto a cobrir a vergonha
Da nudez; por isso, exalto agora a lua,
Pois a alma que não crê, que não quer, que não sonha,
Está nua...

E, quando a noite desce e Astarté se descobre,
Branca de languidez,
Ella tece de luar um manto com que cobre
Minha nudez.

A nossa alma na fé, como num ceu repousa.
Eu tinha a alma tão nua... eu tinha a alma tão nua...
Precisando adorar e crer nalguma cousa,
Puz-me a adorar a lua.

TURBA

Morra o Deus que, no raio, accende maus presagios,
Attracções pelo abysmo e pelo mar naufragios...

Queremos outro Deus, que seja um bom agoiro.
Que seja de oiro e em nós accenda sonhos de oiro.

Ha um borborinho extranho na turba. Ao longe, ha espiraes de incenso que sobem para o ceu de mistura com canticos. Os pandeiros rufam; deante do prestito sagrado, dançarinas do Tanagra, mulheres lindas do Oriente, exercitam danças religiosas. Seis sacerdotes do novo rito, precedidos de Aarão, levam, num palanquim de sandalo, o Bezerro de Oiro. Ha ululos de alegria pagã na turba fanatizada.

TURBA

Ave, Bezerro de Oiro! Ave, Bezerro de Oiro!

MOYSÉS *(Do alto do Sinai, entre relampagos)*

O' filhos de Israel, voltai-vos para os ceus...
Não temeis, por acaso, a colera de Deus?

AKHAR *(Triumphante)*

O teu Deus não é Deus! Tu mentiste, bem sei...
Nós não cremos em ti, quebra as Taboas da Lei!

De absurdos nos baste este divino absurdo.
Eil-o: é um Bezerro de Oiro, é cego, é mudo, é surdo...
Cego, não vê a dor . . . E si elle não a cura,
Ao menos não se ri da nossa desventura
Como o teu, que, podendo extirpal-a, do alto,
A cada imprecação, manda, de sobresalto,
Uma desgraça nova, um desespero novo...
Mudo. Com maldições não fulmina seu povo;
Não age; é quieto, é bom e passivo, no emtanto
Teu Deus que tudo fez, tambem creou o pranto,
A peste, o luto, a dor... Melhor não crear nada
E como antes deixar a materia increada
Na inercia do não feito e na paz do não vivo...
Não queremos um Deus injusto e vingativo,
Que ideou Pharaó e faz delle instrumento
Cruel . . . Não vês, Moysés, nosso contentamento?
Não vês que, neste Deus, ha ancias de liberdade,
Ha a reinvindicação da nossa humanidade
Livre? a satisfação da posse? Nós bem vemos
Que elle é de oiro... e nos baste isto que nós sabemos.
E como comprehender esse teu Deus ethereo,
Que não passa, afinal, de um monstruoso mysterio,
De um nebuloso absurdo e paradoxos vivos?
O nosso é de oiro, vês? Os seus olhos passivos
São cegos e não vêm só os predestinados.
Jamais fez selecções... Seus ouvidos tapados
Não ouvem só dos bons a prece. Muda e fria,
A materia não o louva o bom, nem repudia
O mau, porque, afinal, bem e mal vêm do nada:
São irmãos. O creador da coisa inanimada
Concebe a seu alvitre, o mau, e tu bem vês,
Que a culpa não é delle e sim de quem o fez!
Crea leis o teu Deus? Então porque, Moysés,
No nosso coração não gravou essas leis
Com uma ponta de fogo, eternas, indeleveis?
Porque fez tentações e nos creou tão debeis
Promptos á tentação? Sua ingenua clemencia

Porque nos pôz no mundo, á guisa de experiencia
Entre o bem e entre o mal, pondo neste attractivos
A que, por propensão, já nascemos captivos?
E si elle tudo ordena, o mal, a reincidencia
No mal, crimes não são e não mais que obediencia...
Ao teu Deus de Israel que a morte e o pranto verte,
Oppuzemos o Deus-Materia, o Deus inerte.
Fetichismo?... Que importa! A nossa alma repousa
Somente quando crê... No que? Nalguma cousa.
Que importa que ella adore o torpe, o vago, o erro?
Esse Deus de Israel equivale ao Bezerro
De Oiro, que é mais humano e mais justo e tangivel...
Não disseste que a fé faz o proprio impossivel?
Deixa-nos adorar este idolo que, ao certo,
Ha de encher de illusões o vacuo do deserto...
Elle é tudo que encerra o nosso anceio: o mudo
Desejo; o nosso fim; o nosso sonho, tudo
Que ha dentro em nós que se ergue,aspira e que deseja..
Elle é oiro, afinal que tambem de oiro seja
A fé! Façam-se nelle, um dia de oiro, o erro
O desespero e o mal! tudo neste bezerro
Seja de oiro, a chispar como um grande thesoiro!

AMOÇ *(Symbolo vivo da humanidade)*

Adora-o...

FILHO

Pae, quem fez esse bezerro de oiro?

AMOÇ

Que importa quem o fez? E acaso de onde veio
Esse Deus de Israel? A causa é uma: o Nada.
E' no principio e fim, mas a cousa creada
E', e sendo o principio encerra no seu seio.

Repousa nelle a fé. Crê nelle sem receio,
Porque crer numa cousa eterna e illimitada,

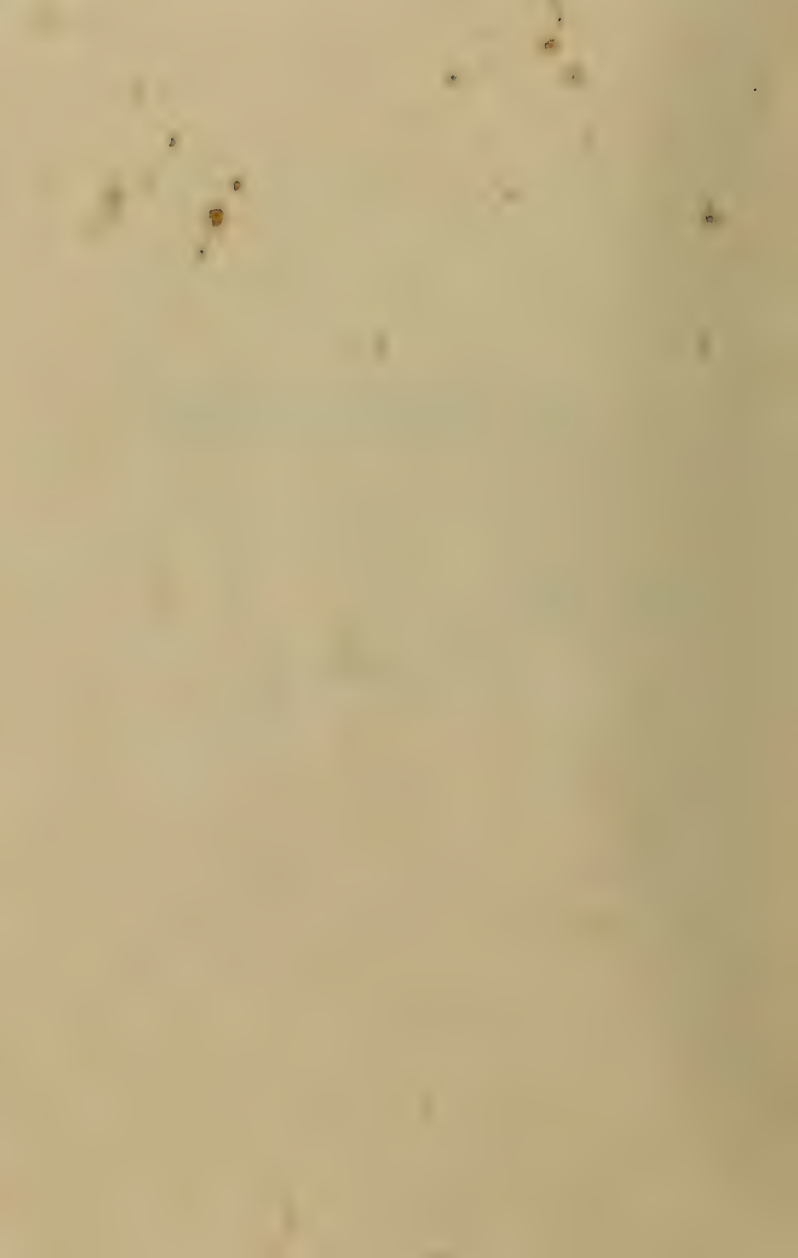
E' lançar a razão numa procura anciada,
Que torna a vida um grande e insatisfeito anceio...

Que importa! Basta crer um pouco nesta vida
Para ter que aspirar e perseguir o incerto
Sonho eterno e ideal da Terra Promettida.

FILHO

E a fé?

AMOÇ

Basta qualquer... Um sonho vago e loiro...
Qualquer cousa, afinal, que encha o peito deserto,
Seja o Deus de Israel, seja um Bezerro de Oiro!

CHANAAN

CHANAAN

Junto do Nebo. A paisagem é de urzes e de abrolhos; o ceu baixo como um incubo. Amos. Akhar, Myriam, avergoados, dessorados pela edade, torcem as mãos tremulas para o ar. O vento espalha os longos cabellos e barbas atrigadas da turba encanecida. A velhice chegou. Nos olhos despontados por um crepusculo de cegueira. embaça-se o perfil de Chanaan. Só o Filho é moço e para elle começam o Sonho e a Vertigem.

AKHAR *(A' Myriam)*

Deixa esses modos tristonhos
E a febre que te incendeia...
Castellos feitos de sonhos
Têm alicerces de areia.

E o sonho que, de alma gasta
Persegues, por que o não percas,
Quanto mais delle te acercas,
Tanto mais elle se afasta.

Negaças de uma ventura
Que se anceia e não se alcança.
Promessa feita á esperança,
Tributo pago á amargura...

Chanaan! Eil-a... quem déra
Possuil-a um só momento...
Mas ai! se esvae como o vento,
E foge como a chimera...

E, mais crente de que um monge,
A alma em seu encalço pena.

A alcanças? E ella serena
Foge e sorri de mais longe...

E no seu seu rastro, em medonhos
Silvedos de dor, tu deixas,
Entre gemidos e queixas,
A alma em farrapos de sonhos.

E dizes desconsolada,
Vendo a estrada percorrida:
— Que quer dizer esta estrada?

(*profundamente triste*)

E' a Vida, Myriam, é a Vida!

MYRIAM

Chanaan! Chanaan! O' mentiroso termo
De miserias, bem vês que as gelhas me avellaram
O rosto, e o coração a angustia dilacera...
E' o meu corpo enfermo,
Uma rôta prisão, em ruinas, que encarcéra
Uma alma de onde ha muito as illusões voaram.

Mocidade! Lá estás nos acasos da viagem,
Num perfume de flor e na illusão crescente
Deste sonho que alcanço e se esvae finalmente
Numa nesga de ceu, num vacuo de miragem..,

Quando parti, sorria, embriagante e feito
De nevoa o sonho e quiz possuil-o, pobre louca!
E o coração, o doido eterno, o phantasista,
Atirou-se confiante á almejada conquista,
Pondo-me risos na bocca
E sonhos dentro do peito.
Rasguei minh'alma ensanguentada, entre os sarçaes
Das maguas e esvaziei na acclividade
Dura, sonhos que tive e que não tenho mais,
Farrapos de illusões, nesgas de mocidade.

E cada dor vincava no meu rosto
Um sulco e lá deixei naquellas horas
Ledas,
De manhã ao sol posto,
Risos que tinham sons crystallinos de moedas,
Sonhos que tinham cor resplendente de auroras....
Tudo deixei e vim, avergoada e suxa,
Ver isto, como quem, cheio de tedio e asco,
Grimpa a abrupta recosta hispida de um penhasco,
Para afinal colher uma camelia murcha!

AMOÇ

Mão tacteante, esmarrida, aperta a bruma, cinge
Olhar este vazio e, coração, a anciada
Febre, apaga afinal, ó tu de magua cheio . . .
Chanaan! Chanaan! indecifrada esphynge,
Mentira eterna atraz da qual minh'alma, anciada,
Gastando sonhos de oiro e mocidade, veio . . .

Vim, alma sem amor e desfibrado o musculo,
Cego o olhar, alvas cãs, murcho como um covarde,
Sob a injuria do sol, do vento sob o açoite . . .
Vim para, afinal, da vida no crepusculo,
Ver um sonho azular nas brumas de uma tarde,
Desfazer-se, depois, nas trevas de uma noite...

Quanto sonho perdi, perdulario, na caça
Deste nada; afinal, entre urzes e entre escolhos
Lutei para, depois que a magua me esmagou,
Tender ambas as mãos a uma nevoa que passa,
Enxergar um vazio estupido ante os olhos,
E convencer-me emfim que a vida se acabou!

A TURBA

E' tanta a dor que debruça
No meu olhar este pranto..

Que até vejo a cada canto
A dor de alguem que soluça.

Si saio no campo, alem,
Por onde as maguas espalho,
Eu, vendo as gottas de orvalho,
Cuido que é pranto tambem.

Vendo o tronco que a éra enflora,
E de onde a resina desce,
Vejo uma alma que padece,
Cuido até que o tronco chora...

Esta dor tanto me encerra
Na sua garra trahiçoeira,
Que, ao ver chorar a cachoeira,
Cuido ver chorar a terra.

E, no azul volvendo o meu
Olhar de brilhos doentes,
Penso que estrellas cadentes
São as lagrimas do ceu.

FILHO *(Transfigurado)*

Eu vejo Chanaan, eu que a não via... A fita
Do horizonte desenha esse ideal!

AMOÇ

E após?

FILHO

E' como um lenço azul que acena e que se agita,
A chamar para o sonho...

AMOÇ

E a despedir de nós!

FILHO

Eu o vejo! Que lindo! Eu sei! Elle arrastou-te
Através dos sarçaes, onde, em maguas, desfez
Teu corpo e que te poz sonhos na tua noute...

AMOÇ

É que quando o alcancei, das mãos se me desfez . . .

FILHO

Eu o vejo! Que lindo! Estas ancias nevoentas
Hei de saciar, de vez, nesse sonho fugaz . . .
Quero-o sentir vibrar nas minhas mãos febrentas!

AMOÇ

Gastarás toda a vida e nunca o alcançarás . . .

AKHAR

Não vás, que é illusão! Quando teu braço anciado
Apertar esse sonho, após que a luta em summa,
Rasgou a vida a meio e te estragou o passado,
Apertarás nas mãos uns farrapos de bruma.
Essa illusão que crês ser um paiz bemdito,
Que te chama, de longe, ao termo da viagem,
E' a força mendaz de um desejo infinito,
Que te arrasta a soffrer atrás de uma miragem!

FILHO

Eu quero desejar! Quero o paiz que vejo,
Seja a sombra de um sonho ou vacuo de um desejo!
Que seja o desejar a força que nos guie
E, acabando num fim, desse fim principie, .
Se multiplique, anceie, cresça e se renove . . .

Taça que vae á bocca, agua que não se prove!
Quem és tu, Chanaan, ó ventura erradia?
Desejo de alcançar um bem que não sacia,
Um bem que é desejar o que a gente deseja.
Terra da Promissão, que a treva te proteja.
Illusão! Illusão que a gente em vão persegue.
Que não te alcance nunca o braço que se segue,
Que não te enxergue o olhar que te anda a procurar!
Porque, Desejo, és tu a Terra Promettida
E o que nos faz viver um pouco nesta Vida,

E' o desejo sem fim de sempre desejar!

E o Filho, encarnando uma geração nova, com os olhos fitos num sonho distante, parte, buscando a mentira de Chanaan

FINIS

Valle do Silencio—Janeiro MCMXVII